



De alegria do povo à estrela solitária: A história de Garrincha nas telas do cinema¹

Andréia Gorito²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ.

Resumo:

A proposta deste artigo é analisar a narrativa midiática sobre Mané Garrincha, um dos maiores ídolos do futebol brasileiro, através do filme “Garrincha: estrela solitária”, de Milton Alencar Jr. Baseada na biografia escrita por Ruy Castro, a produção cinematográfica recria a “personagem” Garrincha em sua trajetória rumo ao posto de herói nacional e sua posterior derrocada, sob os constantes holofotes da imprensa. Entendemos que, em acordo com o público, os meios constroem mitos e heróis, podendo desconstruí-los quando necessário. O cenário esportivo é um terreno fértil para isso. Procuramos aqui estimular o pensamento e o debate sobre futebol e cultura de massa no Brasil, buscando elementos de nossa identidade no cinema nacional.

Palavras-chave: mídia; esporte; cultura de massa; idolatria.

1 – Introdução

A história da sociedade moderna é contada pelos meios de comunicação de massa. A mídia tem dito quem somos e quem podemos ser, através de suas narrativas espetaculares. Vivemos o paradoxo entre o real e o imaginário. O que está nas páginas dos jornais, nos noticiários da TV, nos programas de rádio, na Internet ou nas telas do cinema pode nos ajudar a compreender o universo cultural da sociedade em que vivemos.

Em acordo com o público, os meios também constroem mitos e heróis, podendo desconstruí-los quando necessário. As artes e os esportes são terrenos férteis para isso. Numa sociedade industrial e nivelada, onde o homem se torna apenas um número numa organização que decide por ele, onde a força individual só pode ser

¹ Trabalho apresentado ao NP de Comunicação Científica, do XXXI Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

² Mestranda do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação do professor Dr. Ronaldo George Helal.



exercitada na atividade esportiva, o herói positivo deve encarnar as exigências de poder que o cidadão comum nutre e não pode satisfazer (ECO, 1979, p.246).

Os heróis e ídolos podem ser de origem ficcional – personagens de histórias em quadrinhos e de produções cinematográficas, por exemplo – ou personagens reais, que surgem no seio da comunidade. Em ambos os casos, a trajetória destes ídolos rumo à fama é normalmente editada pela mídia, que privilegia alguns aspectos em detrimento de outros. A narrativa clássica em torno da figura do “ídolo-herói” fala de luta, superação de obstáculos, redenção e glória (HELAL, 2001).

A proposta deste artigo, entretanto, é analisar a narrativa sobre um dos maiores ídolos do futebol brasileiro. Uma história de glórias, obstáculos, miséria e fracasso. Pretendemos analisar a forma como o cinema nacional contou a trajetória de vida do jogador Mané Garrincha, astro do Botafogo e da seleção brasileira, através do filme “Garrincha, estrela solitária”, de Milton Alencar Jr., baseado na obra literária de Ruy Castro. Abordaremos a saga de um atleta que após conhecer a fama e a glória, conhece a trajetória inversa, a derrocada sob os flashes e holofotes da mídia.

2- Anjo ou demônio das pernas tortas?

Baseado na biografia escrita por Ruy Castro, o filme de Milton Alencar Jr. recria o personagem Garrincha. No lugar do homem conhecido como ingênuo e feio, surge nas telas um Garrincha sedutor, consciente de seus atos, seguro de si, vivido pelo ator André Gonçalves. A idéia, segundo o diretor do filme, era exatamente dar ao astro do futebol uma aparência “bonita”, diferente da forte imagem escolhida como capa para o livro de Ruy Castro (aquela em que o jogador aparece bêbado, caído no vestiário). A foto do livro, apesar de real, não poderia ser a última imagem que os brasileiros deveriam guardar do craque do Botafogo e da seleção, justifica Milton Alencar Jr.³

Nas peças publicitárias do novo filme e nas cópias em DVD, o ator que dá vida ao jogador aparece em pose esnobe, vestindo a eterna camisa sete do time carioca. Uma homenagem àquele que para muitos teria sido vítima de grandes injustiças por parte da mídia. O título, no entanto, permaneceu o mesmo do livro: “Garrincha, estrela solitária”. Não poderia ser outro, explica o cineasta Milton Alencar Jr. Quando faleceu, em 1983, Garrincha não era mais o mesmo herói que o clássico documentário de

³ Milton Alencar Jr., em entrevista à autora, em julho de 2007.



Joaquim Pedro de Andrade exibira na década de 60. Em “Garrincha, alegria do povo”, o ídolo alvinegro estava no auge de sua carreira. Havia cumprido sua saga rumo ao posto de herói com todos os ingredientes necessários e se deliciava com o sucesso e o dinheiro proveniente do mesmo.

Para alguns aficionados por futebol, o documentário de Joaquim Pedro é a mais fiel das narrativas sobre o craque. Mas o fato é que a história de Garrincha não terminaria ali, no topo de sua carreira. Começava uma trajetória inversa, marcada por crises, bebidas, mulheres, falta de dinheiro, doença e morte. No livro, Ruy Castro reconta estas passagens com base em depoimentos de familiares, amigos e personalidades do futebol. No filme, algumas destas histórias são revistas e romanceadas, dando vozes a outros personagens.

Neste artigo, nos limitaremos à análise do filme de Milton Alencar, lançado em 2004 pela Paris Filmes, vencedor de prêmios no Brasil e no exterior, entre eles, o de melhor ator para André Gonçalves no Festival de Belém e o de melhor atriz para Taís Araújo, no Festival de Miami, no papel da cantora Elza Soares. Buscaremos compreender como o cinema reconstruiu a imagem de Garrincha e o interessante uso da metalinguagem, uma vez que o filme faz inúmeras referências à relação do craque com a mídia.

Para alguns, um gênio, um sábio contra os adversários. Para outros, um bobo, ingênuo, influenciável, que não tinha mesmo vocação para ser o rei do futebol. Para a imprensa, ora anjo ora demônio de pernas tortas que tinha um jeito único de jogar futebol, como escrevera o jornalista Mário Filho (2003):

Garrincha imitava aquele personagem de mais de mil e uma comédias, encanto de gerações. O bobo que não era bobo. O bobo que era herói. Olhava-se para aquele jogador simplório, de pernas tortas, que aparentemente não queria nada. Bastava que tocasse na bola para transfigurar-se. Então o bobo virava o sabido, o mais sabido de todos, sem perder a cara de bobo, o jeitão de bobo.(p.328)

3- Futebol e cultura de massa no Brasil

Em meados dos anos 40, Adorno e Horkheimer criam o conceito de “indústria cultural”. O advento dos modernos meios de comunicação de massa, que convencionamos chamar de mídia, permitiu que um número reduzido de pessoas passasse a produzir cultura para a grande maioria, fornecendo bens padronizados para



satisfazer às numerosas demandas. Se para alguns a cultura de massa coloca ao alcance do homem comum um universo cultural que antes era privilégio das elites, para os críticos do processo a modernidade estaria destruindo aspectos primordiais de representações e identidades culturais genuinamente populares. Eco (2006) classificou detratores e entusiastas da chamada indústria cultural como apocalípticos e integrados, respectivamente.

Este debate, muito em voga nos anos 60 e 70, continua atual e necessário se quisermos compreender os fenômenos cada vez mais complexos da nossa sociedade. Assim, mídia, público, ídolos, fãs, anônimos e celebridades, ao mesmo tempo em que fazem parte de dimensões socioexistenciais diferenciadas, coexistem dentro de um universo integrado, onde uma parte não faz sentido sem a outra. A sociedade moderna é uma sociedade midiaticizada. (HELAL, 2001).

A relação entre mídia e esporte no Brasil é umbilical. O futebol surge como um esporte popular e de massas e logo se transforma num terreno fértil para a construção de identidades e mitos. A ascensão do “esporte bretão” caminha com o projeto de construção do Estado Novo. Assim como o carnaval, o futebol é invadido por um feixe de interesses e discursos em prol do estabelecimento de uma identidade nacional, como apontou o sociólogo e escritor Gilberto Freyre (In.: Mario Filho, 2003):

“O desenvolvimento do futebol, não num esporte como os outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura”. (p.25)

Da escassez e da intuição nasceria o estilo brasileiro de jogar futebol, o elemento mágico de que nossos heróis precisam para vencer as adversidades. Enaltecer a criatividade em função da escassez é uma crença comum em países subdesenvolvidos e pobres. “O futebol-arte” ao contrário do “futebol-força” se torna patrimônio cultural de nossa nação.

4 – A alegria do povo

Durante muito tempo os cientistas sociais ignoraram o futebol, pois consideravam que o mesmo distanciava o povo das preocupações verdadeiras, alienava as massas. Cabia apenas ao jornalismo esportivo ocupar-se do futebol e de seus heróis.



Hoje, como sabemos, o discurso mudou. O futebol ganhou espaço na academia, principalmente nos estudos sobre culturalismo. Passou a ser uma dimensão importante da construção identitária, não apenas no caso da sociedade brasileira, mas de muitas outras. O personagem principal do filme que analisaremos neste artigo, Garrincha, tem um papel importante neste cenário, como aponta Lovisoló (2001):

A “alegria do povo”, cuja essência foi posta na ginga de Garrincha, passou a ser uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as adversidades com alegria. De fato, o futebol era visto como teatro da vida. (p.10).

Futebol e Garrincha: alegrias do povo. “*De que planeta viene Garrincha?*” Perguntava o jornal chileno *El Mercurio* durante o Mundial de 1962. Os companheiros de equipe o chamavam de “Torto”, uma alusão à distância de seis centímetros que separava seus joelhos. Ele próprio, Garrincha, chegou a fazer um amargurado comentário pouco antes de morrer: “*Nunca fui gênio. Apenas um palhaço que corria com a bola nos pés, divertindo as pessoas*” (UNZELTE, 2002).

Manoel dos Santos gostava de caçar na infância. Garrincha, o apelido, era o nome de um pássaro de coloração parda e cauda vermelha. O jogador nasceu em Pau Grande, distrito do município fluminense de Magé. Aos 14 anos, era operário da América Fabril, uma fábrica de tecidos que sustentava o povoado. Como tantos outros meninos, jogava futebol nas horas vagas no Esporte Clube de Pau Grande. Segundo Unzelte (op.cit), seu estilo já era inconfundível naquela época: diante dos adversários, driblava invariavelmente para a direita e sempre passava...

A saga do herói apresenta características semelhantes às narrativas das trajetórias de vida de diversos heróis e ídolos rumo à fama e ao estrelato. Observamos por exemplo uma perda ou dificuldade na infância, como a pobreza e o defeito nas pernas, e um talento nato, que aparece bem cedo, no caso para jogar futebol. No caminho, Garrincha enfrenta muitas provações que, espetacularmente superadas, levam o candidato a herói à vitória e a divisão da glória com seus semelhantes.

Verificamos que a narrativa em torno da figura do herói é sempre a mesma. Mas para Helal (2002), o diferencial nas narrativas brasileiras estaria centrado justamente no predomínio da ênfase na conquista através da “genialidade”, da “irreverência” e da “malandragem”, atributos que Garrincha teria de sobra.

O documentário de Joaquim Pedro de Andrade, “Garrincha, alegria do povo”, exibido em 1963, conta a saga de Garrincha rumo ao sucesso. O jogador estava no auge de sua carreira. Havia vencido os mundiais da Suécia e do Chile em atuações “inacreditáveis”. Mas antes de chegar ao Botafogo, onde viveria sua melhor fase, Garrincha tentou a sorte em várias equipes profissionais, duas vezes no Vasco e uma no São Cristóvão. Até que Arati, ex-jogador do Botafogo, levou-o para treinar no clube, em 1954.

Na seleção, a vida do craque nunca foi fácil. Taticamente indisciplinado, ficou diversas vezes no banco. Mas o “talento excepcional” o levaria às Copas de 58 e 62. Nesta última, substituiu Pelé, que estava machucado e jogou como um verdadeiro “rei”, segundo a imprensa: *“O curioso é que para ser ‘Rei’, não jogou na ponta-direita, como Garrincha: jogou nas meias e no centro, como Pelé. Tratou de ocupar o lugar vago, de ser Pelé. Pelé não podia faltar, por isso Garrincha foi muito mais Pelé, no bi, do que Garrincha”*, conta Mario Filho (2006, p. 338).

As comparações entre Garrincha e Pelé eram inevitáveis na época. Pelé era o “Rei”, Garrincha não tinha vocação para a coroa. Pelé era de boa família, seus pais eram tementes a Deus, um atleta disciplinado, que não bebia e nem fumava. O pai de Garrincha bebia até cair. Além disso, ele era aleijado, tinha uma perna mais curta que a outra e para andar tinha que entortar a perna mais cumprida. Era um milagre ele jogar futebol, diziam os críticos. Apesar do curto reinado, ninguém jamais poderia lhe tirar a majestade.

A história de Garrincha cola com os anseios do povo brasileiro. Pobre, doente, viciado em bebidas e apaixonado pelas mulheres, Garrincha chegou lá. Enfrentou preconceitos, superou obstáculos e era um “gênio” do futebol, para redenção de seus seguidores e fãs. O que ninguém esperava é que o herói fizesse uma trajetória inversa a dos ídolos. Do sucesso à sarjeta, sempre sobre os olhares atentos da mídia. Após a conquista do Campeonato Carioca de 62, já desgastado pela artrose que minava seu joelho, Garrincha declara que irá abandonar o futebol em entrevista ao Jornal do Brasil de 19 de novembro: “- Já não tenho a alegria de antes. Quero levar a vida livre de aborrecimentos e responsabilidades, longe das concentrações”, disse Mané (ASSAF e MARTINS, 1997).

Contam-se muitas histórias a respeito da ingenuidade de Garrincha, algumas foram alimentadas durante anos pelo jornalista Sandro Moreyra, em sua coluna “Histórias do Futebol”, publicada no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro. Garrincha



teria colocado o apelido de “João” nos jogadores encarregados de marcá-lo, teria vendido um rádio comprado em Estolcomo para o massagista Mário Américo, com receio de que o aparelho só falasse “sueco”, entre tantas outras histórias narradas por Sandro Moreyra. Tudo isto está presente, de alguma forma, no filme de Milton Alencar Jr. Entretanto, devemos levar em conta que na grande tela tudo pode ser ressaltado, escondido, romanceado e mesmo inventado, diante dos espectadores.

No cinema, a história de Garrincha ganha novas dimensões. Nas palavras de Grodal (apud STAM, 2003):

A experiência cinematográfica é constituída por uma multiplicidade de atividades: nossos olhos e ouvidos captam e analisam a imagem e o som, nossas mentes aprendem a história, que reverbera em nossa memória; além disso, nosso estômago, coração e pele estão ativados em empatia com as situações da história e com a habilidade do protagonista em lidar com elas. (p.269).

5- Garrincha - Estrela Solitária: sinopse do filme

Desde o surgimento do cinema como meio, os analistas têm buscado por sua “essência”, seus atributos exclusivos e distintos. Alguns dos primeiros teóricos reivindicaram um cinema não contaminado pelas outras artes, como a noção de “cinema puro” de Jean Epstein. Outros teóricos e cineastas proclamaram com orgulho os vínculos do cinema com as demais artes. Mas, se, por um lado, o cinema é mimese e representação, por outro, é também enunciado, um ato de interlocução contextualizada entre produtores e receptores socialmente localizados.

Não basta dizer que é arte construída. Temos que perguntar: construída para quem e em conjunção com quais ideologias e discursos? Nesse sentido, a arte cinematográfica é uma representação não tanto em sentido mimético quanto político, de delegação da voz. Dentro desta perspectiva, não podemos dizer que o filme “Garrincha, estrela solitária” distorce a história real da vida do craque ao romanceá-la, mas “verdadeiramente” representa um discurso concebido para exaltar o jogador e criticar a imprensa e as atitudes do povo brasileiro em relação ao ídolo. (STAM, 2003).

O filme expõe a vida do “demônio das pernas tortas” dentro e fora do campo, confrontando o mito do futebol mundial ao homem humilde do interior. As várias facetas do craque são mostradas a partir de lembranças de pessoas próximas e que o

amaram de maneiras diferentes, como a cantora Elza Soares, o jornalista Sandro Moreyra, o jogador Nilton Santos e a ex-namorada e amante de longos anos, Iraci. A personalidade intrigante de Garrincha, ora malandro ora bobo e sua trajetória de glórias e tragédias, são contadas pelo cineasta Milton Alencar Jr., neste romance inspirado na biografia escrita por Ruy Castro.

O filme começa remetendo os espectadores ao ano de 1980. Interpretado pelo ator André Gonçalves, Garrincha, dopado pelos remédios, é enredo da Portela naquele ano. É o jornalista e amigo Sandro Moreyra quem o leva até a concentração, onde todos se espantam com a aparência do craque. Era a primeira vez que ele vestia a camisa sete da seleção brasileira sem ser para entrar em campo. Tinha acabado de deixar o hospital.

“- Concentração de sambista é uma maravilha. Se no futebol fosse assim...”, “- Noventa minutos, o tempo de um jogo”, -“Eu queria deixar uma última lembrança boa”. Apesar da imagem do craque de doente e fracassado, as frases em *off* demonstram a faceta de Garrincha que o filme decidiu abordar. Bem humorado, malandro, sempre preocupado em alegrar seu público.

As imagens do desfile da Portela são transmitidas pela TV, enquanto Iraci acompanha triste e pensativa no casebre em que vivera com a família desde que se separou definitivamente do jogador. Elza Soares, interpretada pela atriz Taís Araújo está na arquibancada do desfile, mas não consegue ver o craque de perto. Nilton Santos, que também havia desfilado pela União da Ilha do Governado não consegue chegar perto do amigo e compadre. Na cabeça destes personagens, se passa o filme.

Iraci lembra dos tempos em que ela e Garrincha viviam em Pau Grande, distrito de Magé, no Rio de Janeiro. Era uma das torcedoras do Pau Grande Esporte Clube, onde Garrincha jogava sua peladas. Sempre descalço, entre um drible e outro fugia para namorar. Ora com Iraci ora com Nair, que acabaria por engravidar e se tornar a primeira esposa de Mané. A fama de mulherengo e o talento nato para o futebol ficam evidenciados já nas primeiras cenas.

Em alternância com as imagens do desfile da Portela, a história de Garrincha vai sendo narrada. O primeiro treino no Botafogo, em 1954, é contado com detalhes. Na seqüência de cenas do treino, o técnico Gentil Cardoso, o jogador Arati e o craque Nilton Santos assistem ao show de Garrincha, que nunca havia colocado uma chuteira nos pés. A história é conhecida. Nilton Santos faz a marcação de Garrincha no treino e é driblado por ele inúmeras vezes. Mané é contratado e tem que passar a morar no Rio de Janeiro.

Nair, que tinha acabado de dar luz à primeira filha de Mané, não quer se mudar para o Rio e ele convida Iraci para viver com ele na cidade maravilhosa. Após assinar um contrato “em branco” com o Botafogo, Garrincha, que não sabia ler nem escrever leva a amante para um apartamento e lhe promete uma nova vida. Fica evidente nesta cena uma certa ambição por parte do jogador. Após a assinatura do contrato, Garrincha é descoberto pela imprensa. Com a ajuda de Sandro Moreyra e Gentil Cardoso vira manchete dos principais jornais cariocas.

Em 1957, O Botafogo é campeão carioca. Garrincha era o herói do título. Bêbado, volta pra casa só depois de quatro dias e se desculpa com Iraci: - “*A imprensa. Os repórteres. São os mais difíceis de driblar.*” Nesta cena, o diretor faz questão de destacar o relacionamento nada amistoso que começaria entre Garrincha e a mídia. O jogador é convocado para a Copa da Suécia e na volta é recebido como herói. Pelas pernas tortas de Garrincha o Brasil conquistou o primeiro título mundial.

Além de Nair, a esposa oficial que vivia em Pau Grande e Iraci, a amante com quem morava no Rio de Janeiro, o filme relata algumas mulheres importantes que passaram pela vida de Garrincha. A primeira delas, a cantora Angelita Martinez, chega a fazer sucesso com uma Marchinha em homenagem ao craque que brilhou na Suécia.

Quatro anos depois, em 62, Mané é convocado para a Copa do Chile e se firma de vez no posto de herói nacional. Sem Pelé, que havia se machucado, Garrincha assume o posto de “Rei” na copa. Na partida contra os donos da casa, Garrincha fez de tudo. Até um gol com a perna esquerda. Acertou inclusive um pontapé num marcador chileno, revidando a uma agressão. Por este episódio, foi expulso de campo pela primeira vez em sua carreira.

A imprensa o critica. Na cena em que aparece no vestiário conversando com o jornalista Sandro Moreyra, enquanto aguarda a resposta se poderá jogar contra a Tchecoslováquia, há o seguinte diálogo: “- *Você viu os jornais? Essa imprensa marrom... tá te chamando de brigão, temperamental... eles é que atiram pedra e você que é temperamental*”, diz Sandro Moreyra irritado.

Garrincha responde: “*Deixa, eu não ligo. Alguém liga para jornalista?*”. Mas uma vez fica claro o interesse do diretor do filme em demonstrar a relação hostil da imprensa com o craque. Em outra passagem, Garrincha analisa as frases escritas por Sandro Moreyra: “o anjo torto”, “pintou o diabo em campo”, “mostrou porque qualquer jogador pra ele é João”. “- *O Sandro Moreyra inventava histórias sobre mim ou*



exagerava pra ficar mais jornalístico. Sei lá. E o pessoal acreditava”, romaneia o filme.

É durante o mundial de 62 que Garrincha também assume o romance com a cantora Elza Soares, com quem viveria uma relação de 16 anos. Um escândalo nacional para a conservadora sociedade da época. Na volta ao Brasil, sua popularidade está no auge, porém ameaçada pelas tragédias da vida privada. No filme de Milton Alencar Jr., a história de Elza e Garrincha supera preconceitos em nome do amor. Segundo o cineasta, a cantora sempre foi marginalizada pela opinião pública, considerada culpada pela derrocada do jogador. Era preciso reconstruí-la: “- *Garrincha amava Elza. Eu quis retratá-la não como uma mulher qualquer, que o prejudicou, mas como a companheira que esteve ao seu lado nos momentos mais difíceis de sua vida*”.

De fato, nas cenas reproduzidas por Milton Alencar, a personagem Elza Soares, vivida pela atriz Taís Araújo, luta contra a bebida e as “puladas de cerca” do jogador. Mas o cineasta é fiel à imagem forte e debochada da cantora. Elza é acusada inclusive de ter obrigado Garrincha a não assinar um novo contrato em branco com o Botafogo. O presidente, o técnico e os demais jogadores a culpavam pelo comportamento rebelde de Mané, que queria a renovação de seu contrato com algumas melhorias. Os torcedores logo também ficaram contra ela.

Mesmo feliz ao lado de Elza, Garrincha não deixava suas outras mulheres. Frequentemente visitava Nair e Iraci e os encontros quase sempre resultavam em novos herdeiros. Também não parou de beber. Pelo contrário. Vivia caído pelos cantos, tinha dificuldades em conduzir a carreira e a vida pessoal. O amigo Nilton Santos estava sempre ao seu lado.

Na final do campeonato carioca de 62, contra o Flamengo, Garrincha sente o joelho, mas consegue o título. Depois disso, nunca mais seria o mesmo. Os problemas no joelho começaram a minar a vida do jogador, que cada vez se entregava mais à bebida. Enquanto isso Nair, a esposa oficial, reivindicava a volta do marido em programas de televisão, prejudicando ainda mais a imagem do astro.

Perseguidos, Garrincha e Elza mudam diversas vezes de endereço. Chegaram inclusive a viver fora do país. Disposta a não perder seu companheiro e a tirá-lo do vício, a cantora decide dar ao jogador um filho homem, que acreditara ser o primeiro, e não mede esforços. Elza procura um terreiro de candomblé e faz um “trabalho”.



No nascimento do bebê, mais uma cena em que fica clara a relação entre Garrincha, Elza e a Imprensa. O jogador aparece embriagado para visitar o filho. Fora do quarto, os jornalistas querem fotografar a criança. Elza diz: *“Agora você se arruma que a gente vai posar lindos e felizes... para essa gente que só quer ver a nossa caveira”*.

Após descobrir que o bebê não era o único filho homem de Garrincha e cansada de lutar contra a bebida, Elza o abandona. O craque se entrega de vez ao álcool. O desfile da Portela termina. Elza assiste tudo da arquibancada e recorda uma vida inteira. Nilton Santos também não se aproxima do amigo, mas pelo microfone faz uma homenagem ao companheiro de tantas alegrias e uma crítica ao povo brasileiro: *“-Nós sempre abandonamos os nossos ídolos, os nossos heróis!”*. Garrincha morre em 1983, de edema pulmonar, com lesões causadas pelo álcool no pâncreas e no fígado. A história termina sem final feliz!

6 - O bobo que não dava para “Rei” ou um herói injustiçado pela mídia?

Na sinopse do filme que apresentamos anteriormente, percebemos o interesse dos produtores em apresentar um Garrincha não tão bobo e ingênuo como de costume, porém injustiçado pela imprensa. Em sua estrutura narrativa o filme apresenta semelhanças com outros que se propuseram a contar a história de ídolos e heróis. Fala em talento, dificuldades e superações do jogador rumo ao sucesso. Mesmo com as pernas tortas e oriundo de família pobre, a “genialidade” de Garrincha aparece ainda na infância. O dom inato, de natureza inexplicável, aproxima-o das características do tipo “mana”, descritas por Mauss (apud Coelho e Helal, 1996), como a característica das coisas indizíveis, atributo daquilo que é mágico.

A singularidade do ídolo, baseada no talento e na vocação, também está associada ao fator sorte. Garrincha foi “descoberto” por Gentil Cardoso e amparado por Nilton Santos, que o filme compara a um irmão mais velho do jogador. Na época, Nilton já era craque do Botafogo e adorado pela torcida. Mané teve a “sorte” de estar no lugar certo, na hora certa, com as pessoas certas.

A história de Garrincha narrada no filme também se assemelha com a de outros heróis no que diz respeito à questão da “privacidade”. As dificuldades da vida



privada são amenizadas pelas glórias da vida pública. A dualidade é um problema para Garrincha, que quase sempre coloca a vida pessoal em primeiro lugar, prejudicando por vezes sua carreira. Prefere a bebida e as mulheres aos treinos. O filme mostra diversas vezes essa dualidade. Escolher entre Elza e o Botafogo, entre o álcool e a saúde de atleta. Em algumas crises, o personagem central viaja para Pau Grande, o povoado em que nasceu, como se não quisesse fugir às origens. Garrincha não se reconhece enquanto “astro” e faz piada sobre o fato de ser considerado patrimônio do clube (Botafogo).

Os episódios dramáticos envolvendo a vida particular do ídolo, principalmente os que dizem respeito aos relacionamentos com as mulheres e as bebidas, não chegam a ser apontados como um preço pago pela fama, mas permite uma identificação maior do público com o herói, humanizado pelo sofrimento. Em campo, no entanto, ele era mágico, perfeito, apesar das pernas tortas. Assim, o talento natural, somado às adversidades, torna-o ainda mais genial, ainda mais mítico. A edição cinematográfica da biografia de Garrincha refaz o caminho moderno da construção de heróis.

Então, porque o reinado de Garrincha foi tão curto? Como a imagem de astro do futebol cedeu espaço à do homem doente, ingênuo, vencido pelas bebidas, abandonado pelos amigos e injustiçado pela imprensa? Caberia aqui um estudo mais aprofundado sobre as narrativas a respeito de Garrincha em jornais e revistas da época. Por hora, ficamos com o último filme sobre a biografia do craque.

Um dado curioso: o filme praticamente ignora a figura de Pelé, como se não houvesse espaço para dois “Reis” num mesmo espetáculo. O fato é que apesar das narrativas sobre heróis valorizarem o talento e as provações enfrentadas pelos candidatos ao posto, entre Garrincha e Pelé, o último mereceria uma atenção especial da imprensa. Pelé era bom moço, disciplinado e despontou num momento em que os negros ascendiam na sociedade. Era o representante de uma maioria sem voz, que caiu na graça de todos, no sentido de Mario Filho (op. cit):

Bastava que se anunciasse ‘Pelé vai jogar’, para que qualquer estádio do mundo se tornasse pequeno. O brasileiro não poderia ficar alheio a esse fascínio. Quando se deu conta só tinha mesmo um ídolo. Ou um ‘Rei’. Não por ingratidão à Garrincha. A verdade é que Garrincha não dava para ‘Rei’. (p. 337)



Em lugar da adequação mimética pontual à verdade sociológica ou histórica, uma discussão mais matizada da questão racial e identitária no cinema deve enfatizar o jogo de vozes, dos discursos e das perspectivas. A tarefa dos analistas deve consistir em chamar atenção para as vozes culturais em jogo, não apenas as escutadas em primeiro plano auditivo, mas também as distorcidas ou encobertas pelo texto.

7 - Considerações finais

É grande a quantidade de ídolos na história do nosso futebol. Sujeitos diferentes com biografias similares, que nos permitem compreender de certa forma a cultura brasileira. A história de Garrincha não é apenas mais uma. Durante anos, a alegria do povo foi atribuída à ginga de Mané. O filme “Garrincha, estrela solitária” é repleto de passagens significativas para uma reflexão sobre o papel do herói em nossa sociedade. Fala de talento, superação e glórias, mas também de fraquezas humanas. Conta a trajetória de um homem rumo ao estrelato e sua derrocada.

Neste artigo procuramos mostrar a existência de um acordo entre a mídia e o público na construção de ídolos. Poderosa e abrangente, a indústria cinematográfica é também um espaço privilegiado para a produção de discursos sociais. A mídia “cria” histórias, ressaltando alguns aspectos em detrimento de outros e no cinema as dimensões são ainda maiores.

Assim, ao simbolizar questões representativas da coletividade e a afirmação do indivíduo em sua singularidade, a figura do herói é expressiva nos estudos sobre a cultura de massa e merecedora de nossa atenção. A narrativa midiática em torno da figura de Garrincha nos mostra que estamos diante de uma relação dialética entre o personagem mitificado e o contexto social. Garrincha preenchia os atributos necessários ao herói, por isso conquista o público, que se reconhece no jovem humilde e vencedor. Nas histórias de outros craques como Romário, Ronaldo e Zico, como nos mostra Helal (1997, 2003A, 2003B) o sofrimento e as crises na vida privada enobrecem o herói, que após a provação recomeça uma trajetória ainda mais sólida. Garrincha não teve tempo de refazer o caminho ou talvez não o quisesse.



8 – Referências bibliográficas

ASSAF, Roberto e Martins, Clóvis. *Campeonato Carioca – 96 anos de história (1902-1997)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CASTRO, Ruy. *A estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Maria Cláudia e HELAL, Ronaldo. A indústria cultural e as biografias de estrelas – as histórias de Babe Ruth e Tina Turner. *Cadernos Pedagógicos e Culturais - Centro Educacional de Niterói- Vol.5, n.2*, 1996.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GOMES TUBINO, Manoel José. *Dimensões Sociais do Esporte*. São Paulo: Cortez, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

_____. “Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário”. In Alabarces, Pablo. (org.) *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires, CLACSO, 2003A.

_____. “Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho”. In Antonio Adami, Bárbara Heller e Haydée Dourado de Faria Cardoso (orgs.) *Mídia, Cultura, Comunicação2*. São Paulo, Arte e Ciência, 2003B.

_____. “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. Rio de Janeiro, *Alceu* vol.4, número.7, 2003C.

_____.- “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói”. *Motus Corporis vol5 - n. 2*, Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 1998.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge G; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: EDUSC, 2001.

LOVISOLO, Hugo. “Sociologia do Esporte: viradas argumentativas”. *Anais do XXVI Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, 2002.



_____ *et al. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. (Introdução – p. 9-12).

MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

MORAES, Dênis de. (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.